

Citação bibliográfica: Silva Lourenço, P.M., Santiago, P.J., & da Silva, W.R. (2024). Urbanização e cidades médias: papéis da difusão urbano-regional de comércio e serviços de Petrolina (PE) e Campina grande (PB). *Ikara. Revista de Geografias Iberoamericanas*, (4). <https://doi.org/10.18239/Ikara.3470>

Urbanização e cidades médias: papéis da difusão urbano-regional de comércio e serviços de Petrolina (PE) e Campina Grande (PB)

Pedro Mateus Silva Lourenço ^{*1} 

Patrick José Santiago ¹ 

William Ribeiro da Silva ¹ 

Resumo: As cidades médias são importantes nós da rede urbana brasileira. Os estudos delas, em diferentes contextos, têm extrema relevância devido à centralidade que essas cidades exercem frente às regiões onde estão inseridas. Assim, buscamos analisar as cidades de Campina Grande (PB) e Petrolina (PE), ambas estão localizadas no semiárido nordestino e importantes na REGIC 2018 pela influência regional. Objetivamos compreender essas cidades sob a ótica das centralidades e de suas estruturas internas, compreendendo as similaridades e peculiaridades por meio da presença de agentes modeladores e seus empreendimentos a partir da utilização de dados demográficos e espaciais sobre o uso do solo urbano nessas cidades. Entendemos, por fim, que a presença intensificada desses agentes em cidades médias têm apresentado uma reconfiguração acentuada, notadamente nas décadas de 2010 e 2020.

Palavras-chave: rede urbana; centralidade; expansão urbana.

Urbanización y ciudades medianas: rol de la difusión urbano-regional del comercio y servicios en Petrolina (PE) y Campina Grande (PB)

Resumen: Las ciudades medias son importantes dentro de la red urbana brasileña. Los estudios de ellas, en diferentes contextos, son de extrema relevantes debido a la centralidad que ejercen en las regiones donde están ubicadas. Por lo tanto, nuestro objetivo es estudiar de manera analítica y teórica las ciudades de Campina Grande (PB) y Petrolina (PE), ambas situadas en el semiárido del noreste y destacadas en REGIC 2018 por su influencia regional. Aquí buscamos comprender estas ciudades desde la perspectiva de la centralidad y su estructura interna, explorando las similitudes y peculiaridades a través de la presencia de agentes modeladores y sus desarrollos utilizando datos demográficos y espaciales sobre el uso del suelo urbano en estas ciudades. Finalmente, entendemos que la presencia intensificada de estos agentes en las ciudades de tamaño medio ha llevado a una reconfiguración de estos espacios urbanos en las últimas décadas, con mayor intensidad durante los años 2010 y 2020.

Palabras clave: red urbana; centralidad; expansión urbana.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil. * Autor/a para la correspondencia: pedromateusrj@gmail.com

Financiamento: Os autores agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) pela concessão de bolsas e auxílio financeiro.

Urbanization and medium cities: roles of the urban-regional dissemination of trade and services in Petrolina (PE) and Campina Grande (PB)

Abstract: Medium-sized cities are important within the Brazilian urban network. Studies of these cities, in different contexts, are extremely relevant due to the centrality they exert in the regions where they are located. Therefore, we aim to analytically and theoretically study the cities of Campina Grande (PB) and Petrolina (PE), both located in the semi-arid Northeast and significant in REGIC 2018 for their regional influence. Our objective here is to understand these cities from the perspective of centrality and their internal structure, exploring the similarities and peculiarities through the presence of shaping agents and their developments using demographic and spatial data on urban land use in these cities. Ultimately, we understand that the intensified presence of these agents in medium-sized cities has led to a reconfiguration of these urban spaces in recent decades, with greater intensity during the 2010s and 2020s.

Keywords: urban network; centrality; urban expansion.

•••

1. INTRODUÇÃO

As cidades médias são, observando os estudos urbanos e urbanos-econômicos, polos ou nós muito importantes dentro da rede urbana, isso devido ao seu papel ou função de intermediário e articulador entre a metrópole e as cidades menores que compõem o território em uma determinada área ou região (Sposito, 2010). É bastante usual a concepção de que tal configuração urbana independente do recorte analisado, principalmente se observarmos a rede urbana está construída e atuando, por exemplo, quando analisamos os estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), como a o trabalho d Região de Influência das Cidades (REGIC) –ou– o estudo das Regiões Imediatas e Intermediárias, propostas pelo instituto, nos apontado, no primeiro caso, a área de atuação de uma determinada cidade a partir do poder de gestão e domínio sobre o território, da atuação de empresas e grupos empresariais e econômicos e outros parâmetros estudados na pesquisa, e no segundo caso, um pouco ligado ao que é apontado na REGIC, mas focado no poder central de atração que as cidades médias e metrópoles expressão sobre o território, ou seus arranjos populacionais.

Tendo isso em vista, nos propomos a observar e analisar duas cidades médias num contexto similar, as cidades de Campina Grande, no estado da Paraíba, e Petrolina, no estado de Pernambuco. Ambas as cidades são consideradas “Capitais Regionais C” devido ao poder de articulação regionalmente sobre outros municípios do semiárido, além de estarem inseridas na Região de Articulação Urbana do Arranjo Populacional (AP) de Recife (IBGE, 2021). Guardadas suas particularidades, as cidades partilham de alguns fatores comuns intra e interurbanos. Desse modo, objetivamos apontar aqui quais elementos passam a fazer parte dessas cidades, alterando seus contextos urbanos e reestruturando-as, a partir da globalização e da atuação de agentes econômicos-imobiliários externos a esses territórios, sobretudo a partir da atuação de capital fictício, que conseguem alterar o espaço a partir de relações econômicas com a terra (Harvey, 2006) agindo dentro das práticas espaciais apontados por Corrêa (1996) e que nesse contexto de cidade consegue se articular com agentes locais moldando ou influenciando desde os valores pagos, até as leis que gerem o uso e a ocupação do espaço urbano, como aponta Corrêa (2011) ao tratar da atuação dessas elites locais. Para avançarmos na análise, seguimos também, metodologicamente, Maia e Xavier (2023) que realizaram um estudo sobre as cidades de Caruaru (PE) e Campina Grande (PB), e utilizaram os conceitos de Santos (1980) e (2006) de formação sócio-econômica espacial, complementado pela leitura de Corrêa (1988), (1998) e (2006) sobre rede urbana.

Sendo assim, podemos pontuar que a análise sobre Campina Grande tem grande contribuição de uma bibliografia preexistente, inclusive com autores cujos os trabalhos são referências para nós, enquanto a análise sobre Petrolina se desenvolve a partir de uma bibliografia mais singela, com poucos trabalhos a seu

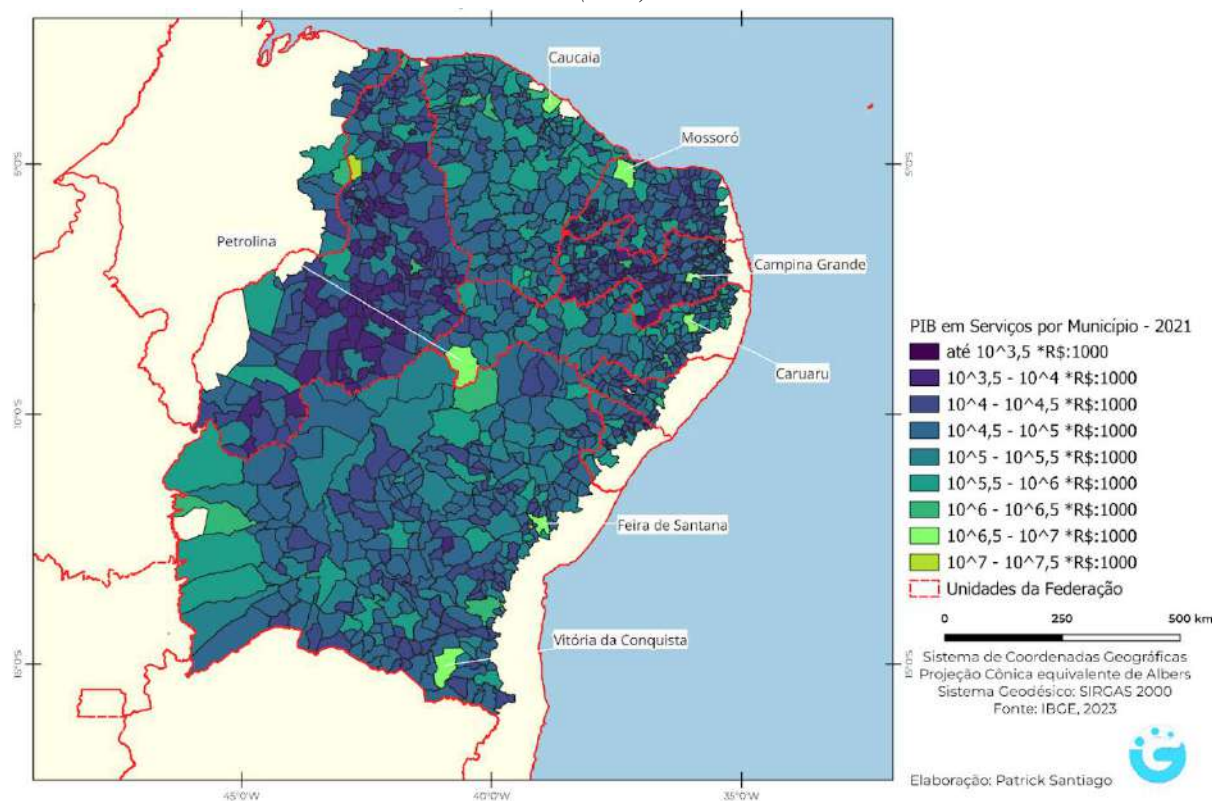
respeito e por isso, até, propomos trabalhar as duas cidades observando o que já foi analisado na cidade paraibana e, tendo isso como base, construindo uma leitura sobre a cidade pernambucana.

Observamos que as duas cidades têm suas singularidades, inclusive devido a sua formação histórica, agentes que produzem cada uma delas e até mesmo a composição demográfica e seus vetores. Porém, observando a configuração atual de ambas as cidades temos uma forma espacial um tanto similar, principalmente nas formas e espacialização de empreendimentos de capital não local, que passam a se apresentar nessas cidades realizando uma expansão de seu capital, no lado empresarial, e reestruturando a espacialização do comércio e serviços, no lado da questão urbana das cidades. Uma similaridade observada é a presença de redes de *fast food* fora do *shopping center*, algo um tanto incomum em cidades média, principalmente no contexto do nordeste, mas que vem se intensificando nos últimos anos e passa a se localizar nessas cidades em áreas de expansão do centro tradicional, como podemos observar tanto em Campina Grande como em Petrolina. Essa ação está vinculada ao processo de expansão de atuação dessas empresas de alimentação, a qual temos o McDonald's como um dos principais expoentes. A empresa em questão, inclusive, anunciou em dezembro de 2023 o planejamento da sua expansão com a abertura de mais 10 mil lojas em todo o mundo, das quais 7 mil são idealizadas para países onde a marca opera por meio de licenciamento, como é o caso do Brasil, até o ano de 2027 (CNN Brasil, 2023). Existe a perspectiva de instalação dessas lojas em formato de restaurante, fora dos centros comerciais, e em Drive-Thru e especula-se que essas lojas devem ter uma presença e atuação em cidades média bastante expressiva atrelando, em nossa visão, os processos de reestruturação intra e inter urbana e de especulação imobiliária nessas cidades.

Desse modo, apresentar as duas cidades e compará-las nos parece ser interessante para a reflexão da produção e organização dos espaços urbanos numa abordagem interescalar, iniciando um aprofundamento para a bibliografia sobre Petrolina e trazendo de Campina Grande uma revisão e leitura bibliográfica auxiliando e trazendo bases para a observação, leitura e análise de outras cidades médias. Ressaltamos que Campina Grande é objeto de investigação da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe) há muitas décadas, porém, porém, Petrolina é uma das primeiras análises por parte desta rede. Essa comparação objetiva entender as similaridades entre as dinâmicas de uso e ocupação do solo urbano nos dois municípios (com foco nas áreas urbanas), debater as lógicas imobiliárias, residenciais e não residenciais que estão sendo empregadas em cada uma delas e compreender a partir disso a reestruturação que acontece nessas cidades. Para isso, será necessária uma revisão bibliográfica da produção científica do tema da Geografia Urbana para os recortes, análise de dados estatísticos demográficos, tabulação e espacialização de dados obtidos junto ao IBGE, produção de material cartográfico a fim de orientar as observações e correlação entre as leituras empíricas e teóricas, principalmente ao observar as relações de centralidade e estruturação intraurbana presente nos municípios estudados.

Gostaríamos de pontuar que ao longo da escrita deste artigo foi divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística as Cotas Municipais de 2021, que indicam o PIB de cada município e identificamos que as cidades trabalhadas apresentam similaridades, corroborando com a perspectiva de análise de ambas em conjunto e comparando-as. Além de Campina Grande e Petrolina, outras cinco cidades médias tiveram destaque nos dados do setor de serviços no Produto Interno Bruto (PIB) em 2021, são elas: Caruaru, em Pernambuco, Mossoró, no Rio Grande do Norte, Caucaia, no Ceará, e Feira de Santana e Vitória da Conquista, na Bahia, (Figura 1) cidades cuja expressão econômica, de gestão e convergência de fluxos é bastante interessante de ser observada no contexto do Semiárido, sendo um interesse nosso realizar observações das mesmas em próximos trabalhos, buscando um comparativo e aprofundamento quanto a essas situações urbanas e um acompanhamento temporal da evolução das mesmas tanto no sentido intra e intermunicipal quanto no sentido regional.

Figura 1. PIB do setor de Serviços por município do Semiárido Nordeste em 2021
(2023)



Fonte: IBGE (2023).

2. PETROLINA (PE): A CIDADE CONCÊNTRICA E O PROCESSO DE SETORIZAÇÃO URBANA

Localizada na região do Submédio Vale do São Francisco, no lado pernambucano do rio, Petrolina é uma cidade que se destaca, nos últimos anos, por sua importância micro e mesorregional, estadual, macrorregional e nacional, impulsionada principalmente pelo cultivo de uva e manga nos projetos irrigados que estão presentes na área rural do município, como os projetos irrigados Senador Nilo Coelho, Bebedouro e Pontal Sul, implementados pela Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba, a CODEVASF, e pela centralidade na logística da comercialização nacional e internacional das frutas, através de sedes e *packing houses* instaladas na cidade, convergindo as produções e os estoques de insumos agrícolas para a cidade de Petrolina e articulando-a regionalmente por meio dessa função/dependência espacial. Para além da questão da agricultura, percebemos em Petrolina um desenvolvimento na questão urbana, um crescimento da população que vive na sede do município, uma expansão no comércio e nos serviços que são prestados nesse espaço e suas especializações, a intensificação da produção espacial urbana em diferentes moldes, como por exemplo a verticalização e o crescimento da implementação de espaços residenciais fechados e o uso dos territórios mais periféricos, geometricamente falando, por uma parcela da população com maior poder aquisitivo, um princípio de reestruturação urbana, a partir da setORIZAÇÃO do espaço urbano de Petrolina (Cruz, 2013). Porém, mesmo com esse princípio de reestruturação que, em nossa leitura analítica dos dados, vem acontecendo na cidade, ainda entendemos a Petrolina como uma cidade monocêntrica ou mononuclear, ainda que observemos os investimentos de agentes econômicos em áreas fora dos limites do centro tradicional da cidade, sendo essa a nossa primeira hipótese a respeito da estrutura urbana da cidade de Petrolina, que a cidade ainda apresenta forte estrutura concêntrica, ligada a sua concepção, mesmo com o avanço da setORIZAÇÃO no espaço urbano municipal.

Desse modo, propomos nesse artigo, uma aproximação inicial nas questões urbanas e econômicas que vêm moldando a cidade de Petrolina, os investimentos internos e externos, as ações do poder público e dos agentes privados, a localização dos empreendimentos que estão chegando a esse espaço urbano e suas escalas de atuação, além de quais vetores têm sido afetados/beneficiados com essa reconfiguração. Ou seja, temos como objetivos neste artigo entender, discutir e articular as mudanças urbanas na cidade de Petrolina aos agentes e empreendimentos que chegam a cidade a partir de seu destaque demográfico, econômico, político e situacional, tendo em vista Petrolina como uma cidade média, articulada a rede urbana brasileira e a importância de se pesquisar e debater sobre essas temáticas e o processo de formação espacial nas cidades médias e no contexto do semiárido nordestino.

Pretendemos articular nossa observação, leitura e análise em dois eixos, o primeiro sobre a estrutura espacial da cidade, focando principalmente na evolução da ocupação urbana, das orientações viárias e da concentricidade que existe em Petrolina a partir de suas vias, transporte coletivo e da espacialização do trabalho. O segundo eixo, ligado ao primeiro, visa fazer um breve apanhado sobre a composição econômico-social da cidade e sua espacialização, através da renda, o vetor de expansão da centralidade no sentido nordeste da cidade, a chegada dos agentes econômicos dos setores atacadista, varejistas e de atacarejos, além dos agentes imobiliários que tem atuado nas décadas de 2000, 2010 e 2020, tanto locais quanto regionais e nacional, falando dos mais diversos tipos de empreendimentos imobiliários que estão sendo implementados na cidade de Petrolina.

Antes de estruturarmos a análise entendemos que se faz importante apresentar alguns dados relativos a Petrolina, isso devido a pouca produção bibliográfica acerca da cidade nos aspectos urbanos e econômicos. Assim como já indicado anteriormente, entendemos que um dado expressivo para a cidade de Petrolina é a população que habita o município nas áreas urbanas e rurais, desse modo, apontamos a Tabela 1, evidenciando o crescimento populacional no município e o percentual da população que vive na sede do município, a população urbana.

Tabela 1. *Petrolina (PE). Dados demográficos (1970-2010)*

	1970	1980	1991	2000	2010
Pop. Urbana	38.189	74.828	125.273	166.279	219.172
Pop. Rural	23.063	29.469	50.133	52.259	74.790
Cresc. Urbano	-	96%	67%	33%	32%
Cresc. Rural	-	28%	70%	4%	43%
Perc. Urbano	62%	72%	71%	76%	75%

Legenda: Pop. Urbana: População Urbana. Pop. Rural: População Rural. Cresc. Urbano: Crescimento da População Urbano. Cresc. Rural: Crescimento da População Rural. Perc. Urbano: Percentual da População em espaço urbano.

Fonte: IBGE – SIDRA (2023)

Podemos observar na tabela que o percentual de população urbana em Petrolina tem estado acima dos 70% desde 1980, apesar das oscilações que esse percentual sofre devido ao crescimento mais acentuado da população rural, crescimento rural esse muito atrelado aos projetos irrigados já mencionados, porém, mesmo nesse conjunto, podemos apontar um crescimento estável entre os censos de 1991 e 2010, quando a população urbana cresce 33% e 32% respectivamente. De 2010 para cá ainda não temos dados para traçar nenhuma perspectiva, apesar de Petrolina ser o município, entre as maiores populações do estado, que apresentou o maior crescimento anual médio entre os censos de 2010 e 2022, se tornando a terceira maior população do estado e a maior no interior de Pernambuco (Tabela 2).

Tabela 2. Pernambuco. Dados demográficos dos 10 maiores municípios em termos populacionais (2010–2022)

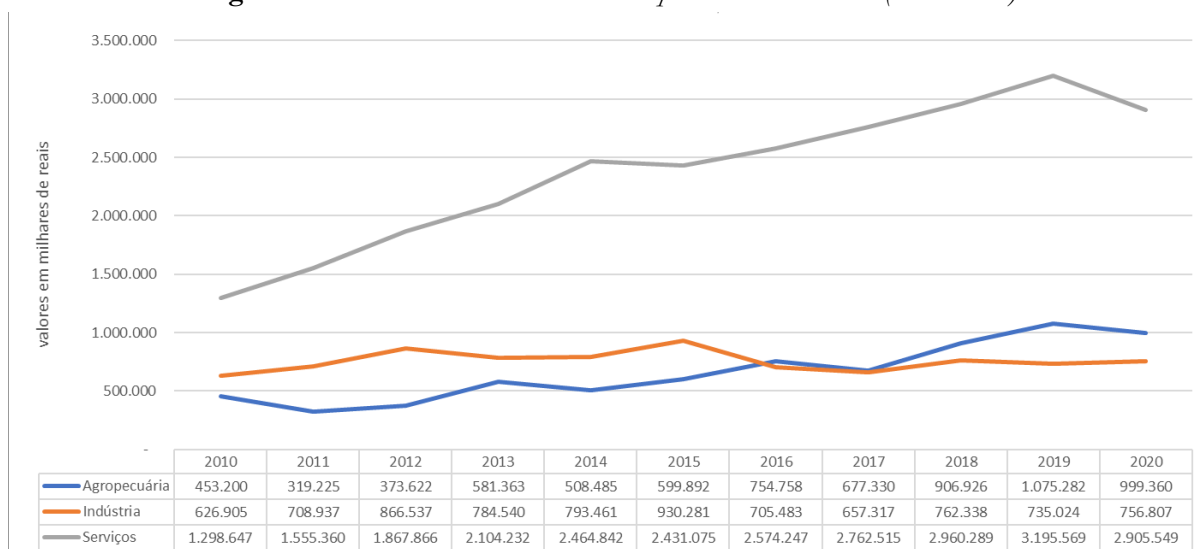
MUNICÍPIO	POP. 2010	POP. 2022	DIF. POPUL.	P.C.A. MÉDIO
Recife	1.537.704	1.488.920	-48.784	-0,26%
Jaboatão dos Guararapes	644.620	643.759	-861	-0,01%
Petrolina	293.962	386.786	92.824	2,63%
Caruaru	314.912	378.052	63.140	1,67%
Olinda	377.779	349.976	-27.803	-0,61%
Paulista	300.466	342.167	41.701	1,16%
Cabo de Santo Agostinho	185.025	203.216	18.191	0,82%
Camaragibe	144.466	147.771	3.305	0,19%
Garanhuns	129.408	142.506	13.098	0,84%
Vitória de Santo Antão	129.974	134.110	4.136	0,27%

Legenda: POP. 2010: População no Censo 2010. POP. 2022: População no Censo 2022. DIF. POPUL.: Diferença Populacional Entre Censos. P. C. A. MÉDIO: Percentual de Crescimento Anual Médio.

Fonte: Censo demográfico IBGE (2023).

Outro dado que gostaríamos de apresentar antes de prosseguir para a análise é relativo ao Produto Interno Bruto do município, entre os anos de 2010 e 2020 (Figura 2). Podemos apontar, com esse dado, que o setor de serviços, setor expressivamente urbano, tem se tornado destaque na economia de Petrolina, sendo um conjunto dos valores executados no comércio e nos serviços prestados à população. Porém, precisamos pontuar uma hipótese acerca desse dado, entendemos que esses valores acumulados podem ter relação com a agricultura que existe no município, através das lojas de equipamentos e insumos agrícolas o que leva a uma relação intrínseca entre os espaços urbanos e rurais nessas cidades médias, algo já apontado, de certa forma por Elias (2007) ao tratar do capital do agronegócio.

Figura 2. *Série dos valores do PIB dos Principais setores econômicos (2010-2020)*



Fonte: CNAE – IBGE (2020).

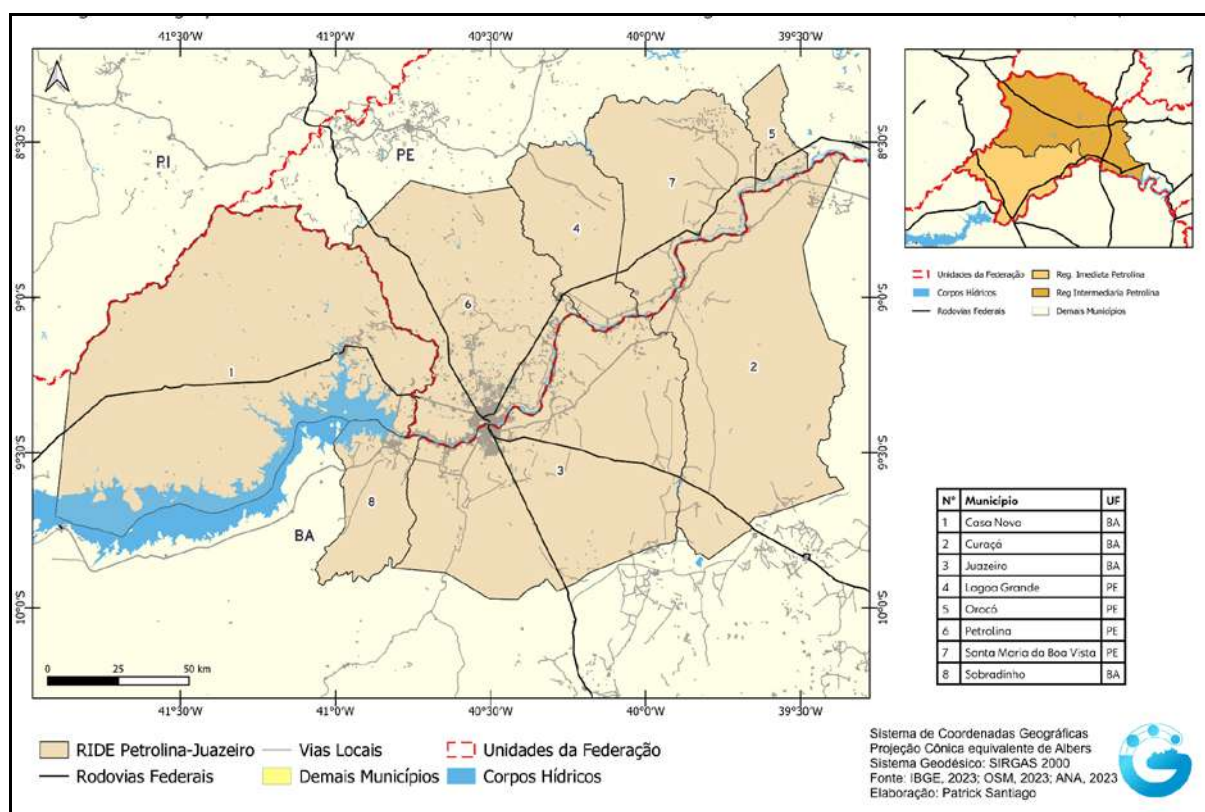
Ou seja, podemos trazer o que aponta Elias (2007, pp. 116):

É possível identificar no Brasil agrícola moderno vários municípios cuja urbanização se deve diretamente à consecução e à expansão do agronegócio, [...] nessas cidades, que se caracterizam por serem cidades locais ou que desempenham papéis de intermediação na rede urbana, se realiza a materialização das condições gerais de reprodução do capital do agronegócio.

Ainda de acordo com Elias (2007), tal situação ocorre devido ao poder do agronegócio em impor especializações territoriais, exigindo das cidades que se encontram inseridas ou próximas às áreas produtoras, que se adaptam para atender às suas demandas (comércio, serviços, infraestrutura, etc.), o que reflete num maior processo de urbanização das mesmas e que pode ser observado em Petrolina, como já apresentado, pelo crescimento nos valores arrecadados pelos demais setores econômicos e pelas ações e investimentos que tornam a cidade cada vez maior, observando em diversos aspectos.

Assim, partindo para uma observação e análise sobre a estrutura da cidade de Petrolina, podemos inicialmente pontuar, baseado no IBGE (1958), que Petrolina tem seu histórico inicialmente vinculado a Juazeiro - BA, que hoje complementa Petrolina, juntamente com outras seis cidades, a Região Integrada de Desenvolvimento Econômico de Petrolina-Juazeiro (Figura 3). Sendo inicialmente denominada de Passagem do Juazeiro e somente ganhando o status de vila em 1870 e de cidade em 1895, diferente de Campina Grande, que trataremos à frente, Petrolina não tem o exercício direto da feira, tendo o entreposto comercial como elemento de desenvolvimento urbano, tal fator foi exercido por Juazeiro. Porém, a partir da ação de uma elite local, a Família Coelho, que conseguiu um elevado status no estado de Pernambuco a partir da década de 1950, temos na segunda metade do século XX o início de um desenvolvimento urbano para a cidade, orientado, em nossa leitura, de forma radiocêntrica e concêntrica, permanecendo nessa dinâmica até a década de 2010.

Figura 3. *Região de Integração e Desenvolvimento Econômico de Petrolina e Juazeiro e Regiões Imediatas e Intermediárias de Petrolina (2023)*



Fonte: IBGE (2023); OSM (2023) e ANA (2023).

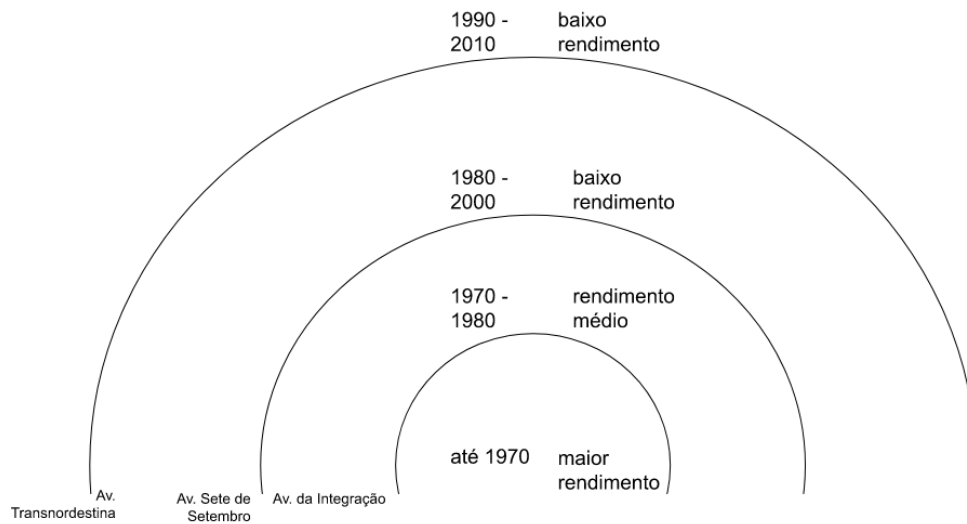
Dessa forma, vemos Petrolina como uma cidade projetada a partir de vias radiais que convergem para o centro tradicional, como as avenidas Coronel Honorato Viana, Monsenhor Ângelo Sampaio e avenida das Nações, projetadas no final da década de 1950. Além dessas vias radiais foi projetada também a avenida da Integração, que entendemos ser a primeira via perimetral da cidade. Entre as década de 1970 e 1990, como já apontado, o crescimento demográfico urbano de Petrolina é bastante expressivo e como apontou Cruz (2013) se apresenta a partir da avenida da Integração se prolongando até a avenida Sete de Setembro, que entendemos ser uma segunda perimetral, na década de 1980, e nos anos 1990 a ocupação do espaço urbano passa a ser feita, com pequenas exceções, pautada pela terceira perimetral, a avenida Transnordestina.

Assim, entendemos que a construção do território urbano de Petrolina se apresenta de forma concêntrica, trazendo nesse conceito duas leituras, a primeira da própria ocupação territorial e a segunda a partir da parcela da população que reside em cada uma dessas partes da cidade, tendo a população mais rica no centro e a população mais pobre na periferia. (Figura 4)

Tendo a análise até 2010, entendemos a cidade de Petrolina como concêntrica e radiocêntrica, a partir tanto da concepção da ocupação urbana, da divisão sócio-espacial da cidade e de como ela foi pensada estruturalmente, na questão viária. Outro elemento que corrobora com nossa análise diz respeito às linhas de transporte coletivo presentes na cidade: das 21 linhas que atendem a população urbana, até 2022, 20 linhas podem ser consideradas circulares, tendo o ponto inicial e final no bairro de atendimento e o ponto médio, local de retorno ao bairro de atendimento, no centro da cidade em 2 paradas, o Mercado Turístico ou o shopping center da cidade (Figura 5). Mais uma evidência dessa concentricidade é a expressiva concentração de estabelecimentos no centro, como apontado no Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos (CNEFE, 2010). Partindo de 2010 e atualizando nossa observação sobre a estrutura de Petrolina, notamos algumas mudanças na organização da cidade e na presença de agentes e

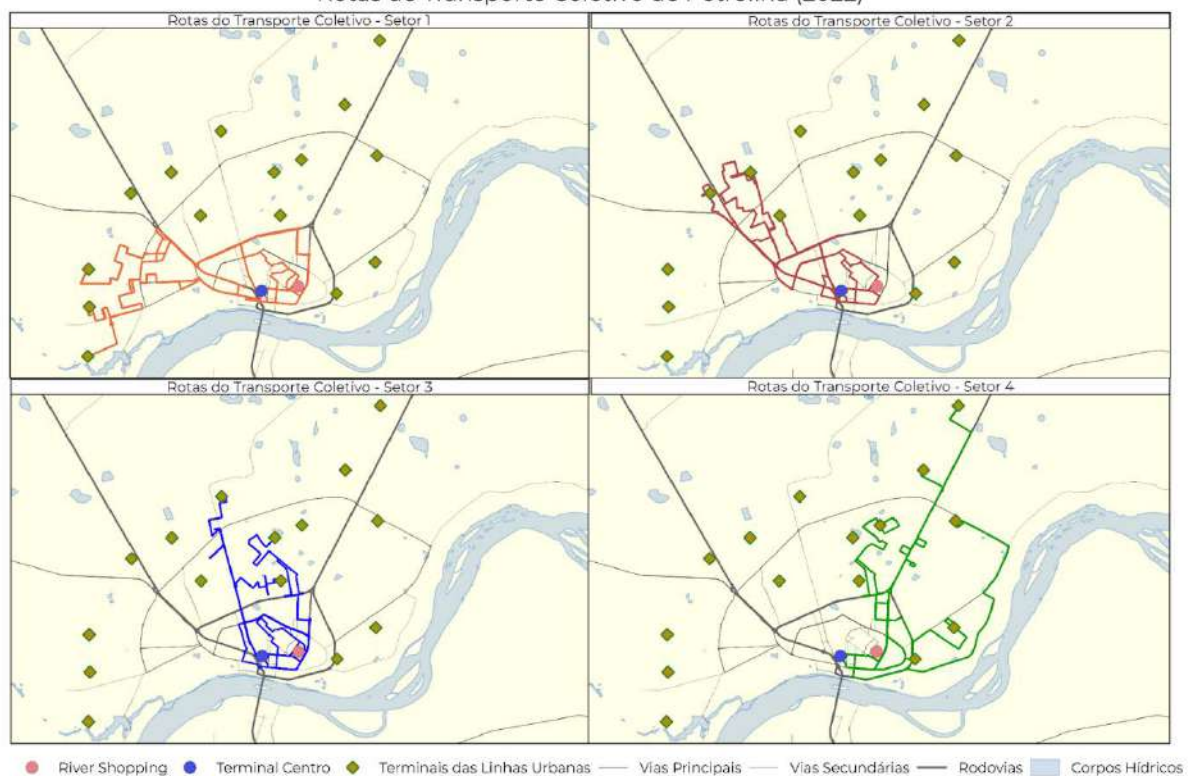
empreendimentos urbanos, apontando uma reestruturação no vetor nordeste e esse será nosso foco de análise nesse último ponto.

Figura 4. *Ocupação e espacialização do rendimento em Petrolina a partir do modelo de Burgess (1948)*



Fonte: Burgess (1948) adaptado pelos autores.

Figura 5. *Rotas do Transporte Coletivo em Petrolina - PE (2022)*



Fonte: AMMPLA (2022); OSM (2023) e MPE-PE (2022).

Percebemos que nos últimos 12 anos (2011 a 2023) a parcela leste da cidade passou a contar com um grande incremento na quantidade de espaços residenciais fechados, sendo o exemplo mais chamativo o AlphaVille, que foi entregue na cidade em 2013. Em 2014 já contava com aproximadamente 15 imóveis

construídos ou em construção, no ano de 2015 já contabilizava 30 nessa mesma situação, em 2018 somavam 90 imóveis, em 2020 aproximadamente 215 e em 2023 observamos a presença de 350 imóveis prontos ou em construção (Figura 6). Nas proximidades do AlphaVille temos também a presença do Buona Vita, do Grupo PDG, entregue parcialmente, em 2015, que conta hoje com mais de 275 imóveis. Essa presença é um dos indícios de setorização na cidade, sendo atrelado também, em nossa leitura, a uma mudança na presença de alguns empreendimentos em uma parcela entre a área onde vem sendo implementado esses empreendimentos e o centro tradicional, o que chamamos de vetor nordeste e vamos abordar com maior detalhe na sequência.

Figura 6. *Ocupação no Espaço Residencial Fechado 'Terras AlphaVille Petrolina' em 2013 e 2023*



Fonte: Google Earth.

Podemos trazer a mudança nos estabelecimentos, padrão locacional e do perfil dos empreendimentos que estão presentes em parte da avenida da Integração, principalmente nas proximidades do encontro desta via com a rua Marcos Passos, que interliga essa área ao *shopping center*, e a rua Imperatriz, que faz a conexão com a estrada das Pedrinhas, via principal que dá acesso ao AlphaVille (Figura 7). Observamos que nos últimos 6 anos, de 2017 até 2023, tanto o poder público quanto agentes privados passaram a ter maior atenção a esse vetor, com a implantação de uma lanchonete de fast food da rede Bob's, algo que é um pouco incomum em cidades médias, onde predominantemente essas operações são apresentadas em shopping centers, a chegada de lojas de móveis planejados, clínicas de estética, edifícios empresariais, academia da rede Smart Fit, farmácias de rede, hospital do grupo Unimed e mais recentemente uma revendedora de motos-aquáticas BRP. Se expandirmos um pouco a área de observação podemos incorporar a esse vetor um centro comercial, atrelado a uma operação hoteleira, que se localiza a cerca de 500 metros do cruzamento de vias citado.

Quanto às ações do poder público municipal, podemos pontuar as obras de duplicação e readequação viária, principalmente na própria avenida da Integração entre os anos de 2018 e 2022, a pavimentação asfáltica implementada na rua Marcos Passos em 2022, a implantação de rotatórias na avenida da Integração, estrada das Pedrinhas, na rua Imperatriz, além de outras obras nas vias da cidade a fim de redirecionar o tráfego de veículos.

Sposito (2018) utiliza o conceito de reestruturação urbana, relacionando a escala urbana à regional (SOJA, 1993), para discutir as profundas transformações nos papéis urbanos decorrentes da redefinição da divisão interurbana do trabalho, na transição de uma economia fordista para um regime de acumulação flexível e complementa: “Elas se referem tanto à distribuição dos usos de solo para o desenvolvimento das atividades econômicas (divisão econômica do espaço), como no que tange à nova ‘geometria’ do habitat urbano (divisão social do espaço)” (Sposito, 2018, p. 195). É nessa ótica que trabalhamos a reestruturação intraurbana em Petrolina, uma reconfiguração na divisão econômica e social do espaço urbano.

A partir desses elementos concebemos a análise de que Petrolina passou, entre as décadas de 2010 e 2020, de uma cidade puramente concêntrica para uma cidade também setorizada, uma vez que a partir dessa reestruturação e desse suposto subcentro no vetor nordeste, que trataremos como suposto pois não nos atemos a mensurar sua centralidade para indicar seu tamanho e poder de atração, entendemos que parte da população com maior poder aquisitivo passa a consumir e morar nessa parcela da cidade, onde passamos a ter nos últimos anos a incorporação de espaços residenciais fechados verticalizados por parte de agentes imobiliários locais, apresentando empreendimentos com custo elevado, atrelados, em todos os casos, a edifícios comerciais ou corporativos, fazendo um uso híbrido do espaço urbano vertical.

Figura 7. *Petrolina (PE). Elementos importantes para a reestruturação do vetor nordeste (2023)*



Fonte: OSM (2023) e pesquisa de campo (2023).

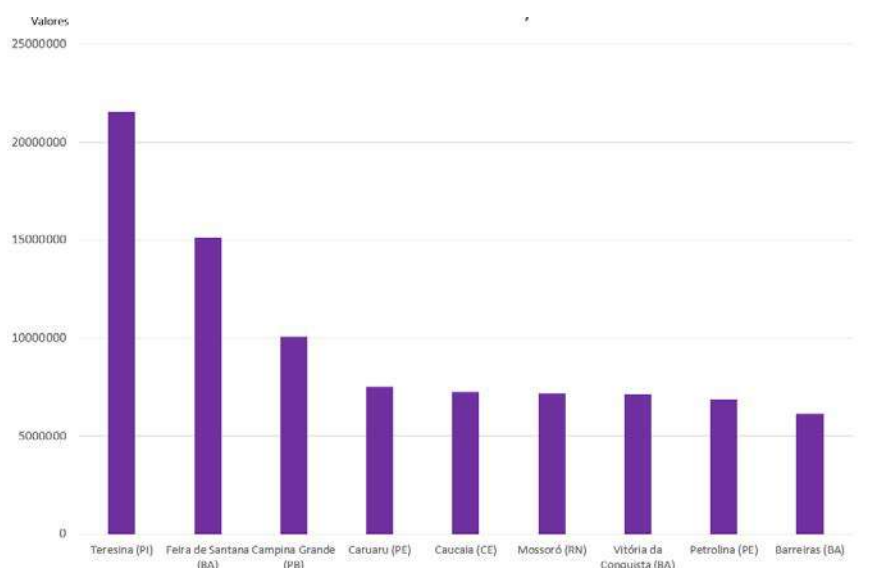
3. CAMPINA GRANDE: O CENTRO HISTÓRICO E AS NOVAS CENTRALIDADES

A cidade de Campina Grande está localizada no agreste paraibano e possui a segunda maior população do estado, sendo o município com maior quantidade de habitantes do semiárido na Paraíba. A Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), através do relatório publicado no ano de 2021, afirma que o semiárido paraibano é composto por 198 municípios, que fazem parte do agreste e do sertão do estado. A Resolução 150/2021 e do Conselho Deliberativo da SUDENE alterou o quantitativo de municípios incluídos no semiárido e passou a definir um quantitativo de 1477 municípios. No semiárido, estão presentes municípios de todos os estados do Nordeste, além dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Segundo o IBGE (2020), Campina Grande possui o terceiro maior Produto Interno Bruto, sendo o segundo maior PIB da Paraíba, com um valor de 10.081.780.000 reais. Além disso, o município pode ser considerado como o mais importante do semiárido paraibano (Figura 8).

Campina Grande também apresenta uma das maiores populações urbanas em termos absolutos do estado da Paraíba. Diferente do presenciado no município de Petrolina, em Campina Grande, a população rural regrediu ou estagnou nas últimas décadas, enquanto a população urbana aumentou de forma expressiva. O IBGE (2010) afirma que o município possui 367.209 indivíduos que vivem em áreas

urbanas, sendo o segundo município mais populoso do estado. Tal quantitativo representa cerca de 95% da população que vive em tais áreas. A tabela mostra a dinâmica populacional da variação de habitantes no município nas últimas décadas, de acordo com os censos.

Figura 8. *Semiárido Brasileiro. Valores do PIBs dos principais municípios (2020)*



Fonte: IBGE (2020).

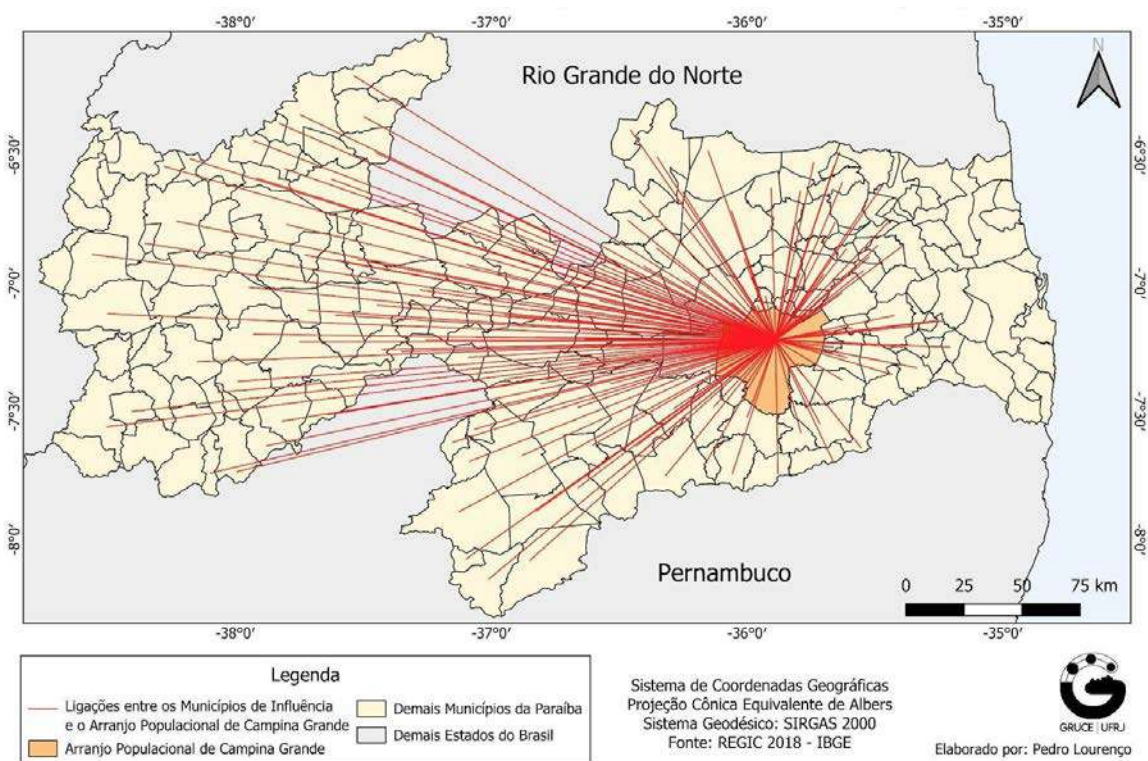
Tabela 3. *Campina Grande (PB). Dados demográficos (1970–2010)*

	1970	1980	1991	2000	2010
Pop. Urbana	167.335	228.182	307.468	337.484	367.209
Pop. Rural	27.968	19.645	18.839	17.847	18.004
Cresc. Urbano	-	36%	35%	10%	9%
Cresc. Rural	-	-30%	-4%	-5%	1%
Perc. Urbano	86%	92%	94%	95%	95%

Fonte: IBGE (1970-2010).

Ainda que a cidade tenha um caráter de Capital Regional C, segundo o documento da REGIC 2018, e esteja hierarquicamente abaixo de João Pessoa (capital do estado da Paraíba, que possui caráter de Capital Regional A), possui uma grande influência para diversas cidades do semiárido paraibano (Figura 9). O Arranjo Populacional de Campina Grande, que é considerado pelo IBGE como de média concentração, é composto pelos municípios de Campina Grande, Puxinanã, Queimadas, Lagoa Seca e Massaranduba. Através dos dados da REGIC (2018) é possível verificar que tal arranjo populacional possui grande influência para múltiplos municípios localizados do semiárido paraibano. Tais cidades dependem de Campina Grande para a realização de trocas comerciais, serviços de educação (a exemplo de universidades, cursos técnicos e cursos profissionalizantes), saúde (consultas especializadas, cirurgias, exames específicos), atividades de lazer, utilização do aeroporto para realização de voos para diversos municípios do Brasil, entre outros.

Figura 9. Mapa de Influência Regional do Arranjo Populacional de Campina Grande



Fonte: IBGE (2018).

Campina Grande possui uma importância histórica, antes mesmo de adquirir o *status* de cidade média. Uma breve história da cidade nos sites da Prefeitura de Campina Grande e do IBGE definem a fundação da cidade tem relação intrínseca com o aldeamento e a catequização da etnia Ariás, em 1697. Contudo, é importante observar que alguns fatos históricos foram importantes para que Campina Grande tivesse uma importância da localidade, adquirindo uma centralidade, antes mesmo de atingir a condição de cidade. Maia (2017) verifica que o histórico dela está associado ao período colonial com a passagem de rebanho bovino e dos tropeiros. Ainda que a história do território brasileiro esteja inicialmente relacionada com as áreas litorâneas, que favoreciam a exportação de produtos para a metrópole europeia, os assentamentos dos viajantes foram fundamentais para a formação das primeiras vilas. Azevedo (1957, p. 155 apud Maia, 2017, p. 28) afirma que os pousos foram fundamentalmente “embriões de cidades”.

Inicialmente denominada de Boca de Sertão, por ser uma das cidades localizadas no interior e que já expressavam centralidade ainda no século XIX, tais cidades tiveram importância histórica devido às passagens de gado e dos tropeiros. A criação de áreas de assentamentos foram fundamentais para a criação dos primeiros núcleos urbanos. Num segundo momento, a instalação da ferrovia pela companhia *The Great Western of Brazil Railway Co. Ltd.* e da estação ferroviária de Campina Grande, em 1907, foi essencial para o escoamento de produtos da região. Ademais, dois momentos importante para dinâmica econômica de Campina Grande foi a ascensão da economia algodoeira (Pereira, 2002), sobretudo na primeira metade do XX, e posteriormente a transferência de bases industriais das metrópoles para as cidades médias (SANTOS, 1993) que garantiu um crescimento acentuado nas últimas décadas.

Atualmente, Campina Grande é o município mais importante localizado no semiárido paraibano. Dados do IBGE (2017) afirmam que Campina Grande possui maior influência, tanto em sua região imediata, quanto em sua região intermediária. Devido a localidade da cidade estar situada numa área de

transição entre a área litorânea e o interior da Paraíba, houve uma influência para a realização das trocas comerciais no município (Cardoso, 1963).

Tabela 4. *Regiões Intermediárias e Imediatas do estado da Paraíba (2017)*

Regiões imediatas	Número de municípios	Regiões intermediárias	Número de municípios
João Pessoa	63	João Pessoa	22
		Guarabira	26
		Mamanguape-Rio Tinto	10
		Itabaiana	5
Campina Grande	72	Campina Grande	47
		Cuité-Nova Floresta	10
		Monteiro	7
		Sumé	8
Patos	63	Patos	26
		Itaporanga	15
		Catolé do Rocha-São Bento	10
		Pombal	7
		Princesa Isabel	5
Sousa-Cajazeiras	25	Sousa	13
		Cajazeiras	12

Fonte: IBGE (2017).

A cidade de Campina Grande concentra de forma polarizada alguns tipos de serviços, comércios, atividades de lazer e indústrias da região, e que não são possíveis de serem encontrados em outros municípios próximos. Isso confere ao município uma centralidade regional. Contudo, dentro do próprio município é possível observar áreas que são capazes de gerar uma centralidade intraurbana, tendo em vistas que reestruturações espaciais ocorrem visando atender as demandas regionais.

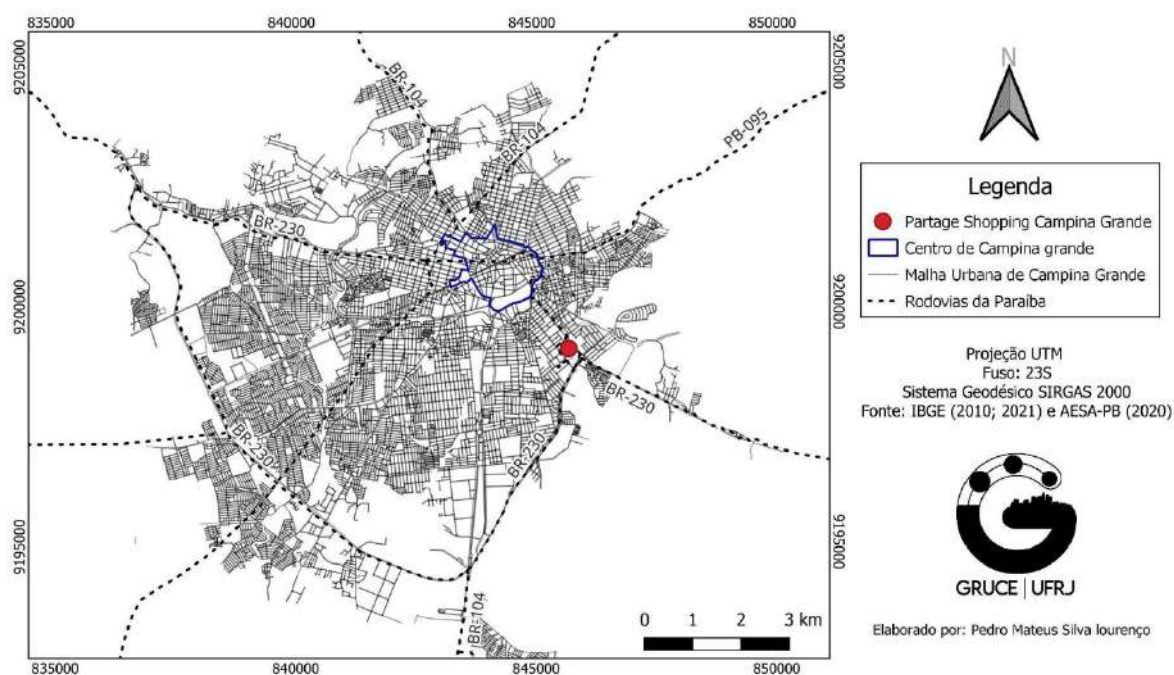
Algumas das centralidades são manifestas de forma sazonal, ou seja, durante um período específico do ano, enquanto outras estão presentes durante todo o ano. Um dos principais eventos que conferem as centralidades intraurbana e regional é a Festa de São João comemorado, no período junino da cidade, no Parque do Povo. Tradicionalmente, desde 1983,² o município de Campina Grande organiza o evento que atrai milhares de pessoas de todo o Brasil. Segundo a organização do evento, no ano de 2023, o evento foi responsável por atrair cerca de 2,5 milhões de pessoas, além de injetar cerca de quinhentos milhões de reais na economia da cidade. Durante a festa junina da cidade, há um rearranjo nas rotas aéreas que ligam ao município de Campina Grande, com criação de novos voos temporários. Diante disso, é possível afirmar que o Parque do Povo, de forma sazonal, passa a ser um dos principais locais da cidade, com atratividade local e regional.

² Dado informado pela organizadora do acervo cultural da Festa de São João de Campina Grande, que teve a exposição no Partage Shopping entre os meses de junho e agosto.

Entretanto, é possível observar que o centro da cidade exerce as centralidades intraurbana e regional acentuadas durante todo o ano, e é a principal área da cidade. O centro histórico de Campina Grande é responsável por concentrar grande parte desses serviços, sendo a principal área responsável por grande parte da economia da cidade. Essa área é responsável por manter lojas de varejo dos diferentes tipos, serviços médicos, agências bancárias, além da principal feira da cidade, responsável por concentrar grande parte do circuito inferior da economia (SANTOS, 1979). Ainda que no final da década de 1990, tenha surgido um novo empreendimento na cidade, responsável por levar lojas de diferentes tipos para a cidade de Campina Grande, o centro mantém exclusividade sobre alguns serviços, como o de agências bancárias e de serviços médicos especializados, além da própria gestão da cidade.

Apesar disso, é possível observar no final do século XX, que houve a expansão da cidade em direção à BR 230 que liga a João Pessoa. Associada a uma tentativa de fragmentação e a criação de um novo vetor de centralidade, o *shopping center* passa a ser um dos principais elementos da cidade, e com exclusividade sobre alguns tipos de serviços. A figura 10 mostra a localização do empreendimento na cidade de Campina Grande.

Figura 10. Mapa de localização do *shopping center* em Campina Grande (2023)



Fonte: Pedro Lourenço (2023).

No ano de 1999, a rede Iguatemi inaugurou o empreendimento que foi responsável pela reestruturação urbana da cidade. Situado entre a Avenida Prefeito Severino Bezerra Cabral e a Rua Otacílio Nepomuceno, tal elemento passou a ser o maior pólo econômico de compras e atividades fora do centro da cidade. A instalação do *shopping center* foi responsável não apenas pela expansão urbana de Campina Grande, mas também por atrair novos empreendimentos para a área, tanto residenciais, quanto comerciais. A figura 11 mostra a construção do *shopping center* no ano de 1997 que no entorno havia uma grande reserva de terrenos vazios, bem como uma não presença de edifícios verticalizados próximos ao empreendimento, com paisagem bem diferenciada em relação ao presente momento.

Após dois processos de vendas, o empreendimento passou pelo grupo Boulevard e atualmente a administração e o controle estão sob responsabilidade da Partage Malls. A transição entre os grupos permitiu que o *shopping center* sofresse processos de reformas e expansão, passando a ter atualmente uma

área bruta locável de 39.695,14m² (ABRASCE, 2023). O grupo Partage Malls, que possui sede instalada na Avenida Brigadeiro Faria Lima, no Bairro Jardim Paulistano, em São Paulo, é responsável pela administração de importantes *shopping centers*, sobretudo em cidades médias.

Figura 11. Canteiro de obras do Shopping Iguatemi (à esquerda) e Foto Atual (à direita)



Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande e Autoria Pessoal (respectivamente).

Ao observar a localização relativa do *shopping center*, é possível observar uma posição estratégica que configura ao empreendimento imobiliário-comercial um caráter regional. Os estudos de Silva (2006, 2017, 2023) afirmam que os *shopping centers* ao se instalarem em cidades médias passam a adquirir importância regional. Instalado no limite da malha urbana, próximo do entroncamento das BRs 230 e 104, delimitada por uma rotatória, o acesso a tais vias permitem deslocamento para diversos municípios nos quais os últimos municípios de ligação são João Pessoa e Maceió, respectivamente, ambos considerados “Capital Regional”, de nível A pela REGIC 2018. Além disso, o *shopping center* está localizado próximo a principal rodoviária da cidade, com ônibus que partem para diversas cidades do Brasil. Durante um trabalho de campo realizado no mês de agosto de 2023, foi possível observar diversas pessoas que utilizam o empreendimento carregando uma mala de mão. Segundo conversas com uma vendedora local, as pessoas utilizam o empreendimento como local de espera até o momento do embarque.

O Partage Shopping Campina Grande é utilizado por pessoas residentes do próprio município e outros que sofrem influência da cidade, fato nos remete à reflexão empreendida por Silva (2017), quando afirma que:

Se nas metrópoles a difusão de shopping centers permitiu, em muitos casos, melhor distribuição de bens e serviços, como cinemas e órgãos governamentais, sendo comum que neles se encontrem escritórios da Polícia Federal, da Light etc., nas cidades médias a escala territorial torna a presença de um ou dois grandes shopping centers um fator que define a centralização de toda a cidade e da região, sendo, distintamente da realidade metropolitana, um elemento que reforça grandes deslocamentos cotidianos, já que consumidores da cidade e da região passarão a frequentar aqueles espaços, ainda que residam a distâncias acima de 10 ou 20 km. (Silva, 2017, p. 228)

A instalação de *shopping centers* em cidades médias visa atrair não somente pessoas residentes dos municípios de instalação, como também pessoas localizadas na região de influência da cidade. O *shopping center* de Campina Grande é responsável por oferecer alguns tipos de serviços e comércios, que antes estavam restritos ao centro da cidade. Ainda que a instalação do empreendimento não tenha configurado um outro subcentro na cidade, a instalação do shopping center gerou uma nova centralidade, o elemento espacial foi capaz de atrair importantes lojas de redes e franquias que não possuem lojas físicas em outros lugares da cidade e tem sua atuação restrita ao empreendimento.

Num trabalho de campo realizado em nos dias 08/08/2023, 11/08/2023 e 12/08/2023, em três turnos diferentes, sendo manhã (10:30-12:00), tarde (15:30-17:00) e noite (19:00-20:30) foi feita uma comparação do número de placas de carros que acessam o *shopping center*, de Campina Grande e de outros municípios. As placas foram coletadas de forma aleatória, buscando atingir um número representativo. A consulta dos municípios das placas de veículos foi realizada no aplicativo do Governo Federal, chamado Sinesp. De um total de 649 placas encontradas nesses dias, observa-se que aproximadamente 50% das placas são provenientes de outros municípios, conforme pode-se notar na tabela 5.

Tabela 5. Partage Shopping. *Comparação do número de placas provenientes de Campina Grande e outros municípios (2023)*

Total de Carros por Dia					
Dia	Total	Campina Grande		Outros Municípios	
		Número	Percentual	Número	Percentual
08/08/2023	241	120	49,79%	121	50,21%
11/08/2023	229	122	53,28%	107	46,72%
12/08/2023	179	96	53,63%	83	46,37%

Fonte: Pesquisa de campo empreendida por Pedro Lourenço em agosto de 2023.

A instalação do empreendimento foi capaz de gerar, além da centralidade regional, uma centralidade intraurbana, afastada aproximadamente 2 km do centro da cidade. Localizado, aproximadamente cinco minutos a pé, no bairro Mirante, é possível observar uma verticalização acentuada, com a colocação de novos prédios residenciais em que alguns que ultrapassam 30 andares.

O Mirante é um bairro com apartamentos de alto padrão e dedicado a parcela específica da sociedade, com apartamentos que podem ultrapassar R\$ 2.000.000, segundo as corretoras locais. Nele, estão instalados condomínios de luxo e repleto de atratividades, além de loteamentos, sendo alguns afastados da pista principal (Avenida Prefeito Severino Bezerra Cabral) e permitindo a autossegregação dos moradores, como o caso dos loteamentos Alphaville. O bairro Mirante possui como principal atrativo a proximidade do *shopping center*, sendo a pista principal o local com ônibus públicos provenientes de outros locais de Campina Grande e demais municípios. Apesar disso, o principal meio de locomoção dos moradores do bairro é através de veículos próprios, segundo informações repassadas pelo porteiro de um condomínio do bairro, na data 08/08/2023.

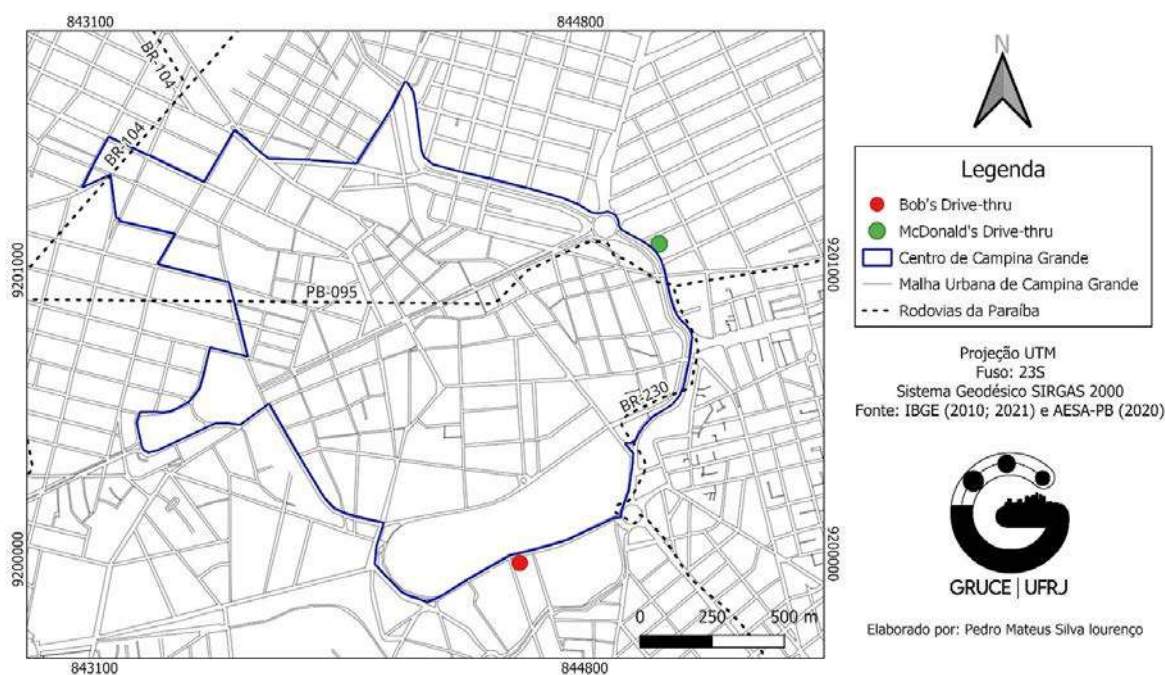
Em agosto de 2023, foi possível presenciar além dos edifícios já verticalizados, a construção de dois novos empreendimentos, ambos num raio de aproximadamente 350 metros do *shopping center*. Numa busca realizada no site de corretores, há informações de venda dos apartamentos ainda nas plantas. O Mansões Mirante possui unidades, a partir de R\$ 1.698.742 reais, em apartamentos com área de 252 m², e o San Gardeno com unidades, a partir de R\$ 279.990, em apartamentos com área de 62 m². Ambos os empreendimentos citados se encontram em fase de construção. A figura 12 mostra a transformação do bairro Mirante, num período de 18 anos.

Figura 12. *Transformação do bairro Mirante em Campina Grande*



No centro de Campina Grande, se observa de forma inconfundível uma maior presença de lojas locais ou regionais que atuam em diversos setores do varejo. Alguns exemplos são lojas de eletrodomésticos, tecnologias, vestuário, cafeterias, lanchonetes, restaurantes, entre outros. Ainda que haja algumas lojas de redes e franquias que tenham atuação nacional, como exemplo da C&A, Casas Bahia, Magazine Luiza e Americanas, a maior presença dessas estão localizadas no interior do Partage Shopping, sendo algumas com atuação exclusivas ao *shopping center* da cidade. Alguns tipos de atividades de lazer, como de cinema, também estão restritos ao empreendimento.

Figura 13. Campina Grande (PB). *Localização do Bob's e do McDonald's nos limites do Centro da cidade (2021)*



Fonte: IBGE (2010, 2021) e AESA (2000).

Apesar disso, observa-se de forma interessante que alguns empreendimentos ainda que não tenham atuação direta na área concentrada de comércios e serviços da cidade, surgem nos limites da área central

da cidade, que são as lanchonetes fast-food do McDonald's e do Bob's. Ambos os modelos foram projetados como Drive-Thru e no caso do McDonald's observa-se a instalação direta na em vias que fazem parte da BR 104 (Figura 13). Ainda que o Bob's não esteja situado na BR, está localizado numa via que faz a ligação entre a BR e o centro da cidade, sendo uma das principais na cidade de Campina Grande. No mapa 6 é possível observar a localização de ambas as lanchonetes citadas.

Os elementos apresentados mostram que Campina Grande, assim como Petrolina, apresenta formas de urbanização associadas à importância regional. Os novos arranjos espaciais que são notados demonstram uma centralidade importante não apenas na cidade de estudo, mas na hinterlândia regional. Os agentes econômicos tendem a aproveitar dessa centralidade para gerar lucro por meio dos serviços, dos comércios e pelo próprio uso da terra como mercadoria.

4. CONCLUSÕES

Após a observação e análise das cidades entendemos que ambas apresentam formas similares de reestruturação e espacialização de algumas tendências da urbanização contemporânea. A interiorização da ação dos agentes econômico-imobiliários do ramo alimentício - redes de *fast-food*, é um bom exemplo nesse processo, devido ao surgimento de lojas fora do *shopping center* e os locais onde elas são instaladas.

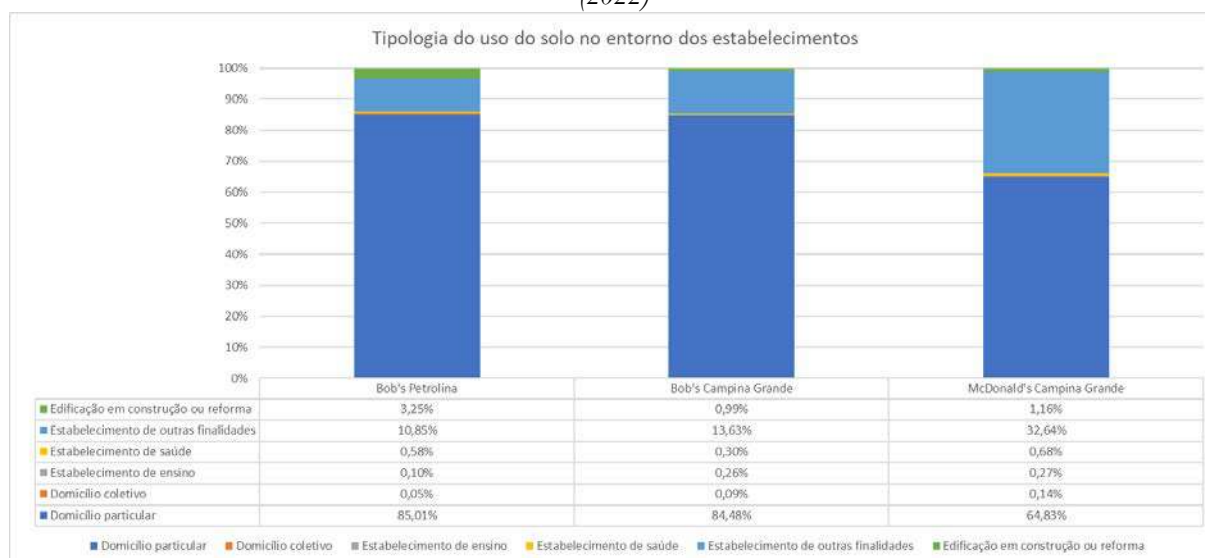
Identificamos, não somente nas cidades analisadas, mas também em outras cidades médias, o início das operações desses agentes em espaços de grande tráfego, em vias importantes das cidades, passando a agir nesses locais, também, como agente imobiliário, alterando os usos do solo em determinadas áreas das cidades, passando áreas até então puramente residenciais, ou com pequenos comércios, para locais de concentração de estabelecimentos de escala regional ou nacional, reestruturando o espaço urbano e gerando, de certa maneira, sub centralidades (Sposito, 2018), como já ocorre a anos nas metrópoles.

Essa interiorização do modelo multinacional de especulação, principalmente quando observamos as ações das redes de *McDonald's* ou *Burger King*, tem sido planejada e idealizada para, ao aproximar a marca do público, tornando-a mais visível e recorrente no dia a dia das pessoas, e aplicando, atrelado a isso, ações de *marketing* que visam elevar o consumo de diferentes formas, ações de *marketing* essas que em sua maioria são destinadas a toda a população, pautada no elevado uso de televisão e internet e tendo como orientação o consumo em lanchonetes próprias da rede principalmente influenciando o consumo em *drive-thru*. Podemos apontar, para reforçar essa visão, as promoções e ações publicitárias que visam fomentar os usos dos aplicativos para aparelhos celulares que essas empresas apresentam nas mais variadas mídias de comunicação, e que o uso dos mesmos podem facilitar o consumo também em seus próprios espaços residenciais, por meio do serviço de entrega que essas operações possuem, normalmente em bairros próximos.

Para além da questão do próprio *marketing*, como pontuamos observamos a localização desses empreendimentos, em relação a estrutura intra-urbana das cidades, e aqui podemos comparar Campina Grande a Petrolina vendo a similaridade e peculiaridade nesses aspectos. Temos como similar a presença dessas lanchonetes de rede nas franjas da área central das cidades, sendo em Campina Grande imediatamente na margem da área do Centro e em Petrolina em uma área de expansão. Enquanto Campina Grande apresenta as lanchonetes Bob's e McDonald's, Petrolina conta, ainda, somente com o Bob's nesse mesmo formato, sendo especulado para 2024 a construção de uma unidade de mesmo formato do McDonald's em Petrolina, em uma via próxima ao setor nordeste, apresentado no Mapa 3. Ainda podemos pontuar a proximidade a partir da composição empresarial e da paisagem da localização dessas redes, no caso de Campina Grande a operação do McDonald's se localiza próxima a um posto de abastecimento que apresenta anexo a si um pequeno edifício comercial, em uma área que apresenta estabelecimentos de tanto dos ramos alimentícios, de educação e de hotelaria, assim como a localização da operação do Bob's em Petrolina, que também apresenta em sua proximidade um posto de abastecimento que conta com o mesmo formato, também tem em sua vizinhança estabelecimentos dos ramos de alimentícios, de educação e de hotelaria, porém, podemos pontuar também outros elementos que compõem a vizinhança da operação em Petrolina, como o Hospital Unimed, que é um diferencial entre as

duas cidades, que entendemos, em nossa análise que diferencia principalmente por conta reestruturação mais tardia da cidade de Petrolina em comparação a Campina Grande. Essa composição do entorno pode ser observada pela tipologia apresentada pelo Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos, o CNEFE, no estudo de 2022, realizado junto ao Censo Demográfico, que os estabelecimentos com outras finalidades, que agrupa comércio e serviços exceto educação e saúde, concentração relevante nos dados de tipologia de uso do solo no entorno de 500 metros a partir desses estabelecimentos (Figura 14).

Figura 14. Tipologia do uso do solo no entorno de 500 metros dos estabelecimentos (2022)



Fonte: IBGE – CNEFE (2024); Autores (2024)

Até este ponto entendemos que as cidades estudadas vêm passando pelo mesmo processo de reestruturação, com uma perspectiva de expansão da área central, reforçando a concepção de que ambas as cidades estão no processo de sair de uma urbanização concêntrica, no sentido de convergência plena e única ao centro tradicional para atendimentos de comércio e serviços e passa a apresentar essa estrutura em sub-centros, porém ainda na área central, voltado a uma população de classe média e pautada inicialmente pela presença de *shopping centers*, que em Campina Grande surge em abril de 1999 e em Petrolina em outubro de 1995, quando a perspectiva para as cidades médias já era de um crescimento urbano expressivo.

Entendemos que com a consolidação da presença do *shopping center* nesses espaços urbanos uma necessidade criação de um novo espaço segregado passa a existir, uma vez que o próprio *shopping center* perde, devido a sua localização, próximo ao centro das cidades, o poder de diferenciação que é incorporado a si quando situado no Brasil (Silva, 2017) favorecendo a incorporação de uma orientação a uma urbanização setorializada, trazendo para essas cidades locais de diferenciação atrelados, de certa forma, aos novos formatos de ocupação do espaço urbano por uma nova classe média, classe média-alta e elite, que se desloca para essas cidades buscando não somente a tranquilidade que esses contextos urbanos ainda apresentam, mas esperando que as ações de agente públicos e privados privilegiam os espaços periféricos de maior ordem monetária, espaços de autosegregação e de convivência entre semelhantes, os espaços residenciais fechados, com reorientação viária, acesso ao consumo de bens e serviços e facilitando, de certa maneira, a não convivência entre os diferentes, exceto os que são autorizados por esses grupos a acessarem seus espaços, comumente para serviços.

Em resumo, entendemos que as décadas de 2000 e 2010 foram um período de adequação e estruturação para que nos últimos cinco a sete anos a organização atual fosse posta a frente, se embasando e se antecipando espacialmente, principalmente quando observamos os agentes econômicos-imobiliários

que são externos a essas cidades e implementam nelas uma lógica multi-escalar, a fim de potencializar seus lucros, entrar no jogo político municipal e influenciar nas dinâmicas sociais que essas cidades já apresentavam, além de favorecer o atrativo que essas cidades têm para uma população com poder aquisitivo compatível aos novos empreendimentos que são instruídos e manobrados para serem apresentados como amenidades nestes espaços urbanos. Complementamos ainda que as análises sobre essas cidades, e também outras no mesmo contexto de semiárido nordestino que apresentem-se como cidades médias e de crescente presença populacional e econômica, pode e deve ser continuado, aprimorado e orientado por outros fatores e caminhos e destacamos como importante novos estudos sobre cidades médias no semiárido, sua articulação e posição geográfica, visto que temos nesse contexto cidades com situações diversas e composições curiosas, além da possibilidade de estudo não somente intraurbano, interurbano ou de rede, mas também a respeito das questões políticas e da elite local, elementos que compõem esse caleidoscópio, citando Corrêa (2011), e que interferem friamente nas relações sociais presentes na organização e orientação desses espaços urbanos plurais, uma vez que ainda conseguimos conceber uma certa relação de coronelismo e de oligarquia, trazendo para alguns grupos e famílias o controle sobre o que vai ou não ser expresso na urbanização dessas cidades.

•••

Declaração responsável: Os autores declaram que não existe conflito de interesses em relação à publicação deste artigo. O texto contou com pesquisa e sistematização de dados das cidades pesquisadas por Pedro Mateus Silva Lourenço e Patrick José Santiago e revisão, análise e finalização por parte de William Ribeiro da Silva.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Associação Brasileira de Shopping Centers (2023). *Censo Brasileiro de Shopping Centers (2022-2023)*.
- Azevedo, A. D. (1952). Regiões e paisagens do Brasil. *Brasília*.
- Cardoso, M.F.T.C. (1963). Campina Grande e sua função como capital regional. *Revista Brasileira de Geografia*, 25(4), 3-39. <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=281041&view=detalhes>
- Cruz, P.F.D.S. (2013). *Reestruturação urbana em Petrolina (PE): um olhar a partir da implantação dos novos produtos imobiliários*. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/85209>
- Elias, D. (2006). Novas dinâmicas territoriais no Brasil agrícola. In E.S. Sposito, M.E. Sposito & O. Sobarzo (Orgs.), *Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular (pp. 279-303). Expressão Popular.
- Elias, D. (2007). Agricultura e produção de espaços urbanos não metropolitanos: notas teórico-metodológicas. In E.S. Sposito, M.E. Sposito & O. Sobarzo (Orgs.), *Cidades médias: espaços em transição* (pp. 113-138). Expressão Popular.
- Fabricio Pereira: Corretor de Imóveis (2023, 5 de dezembro). San Gardeno Residence <https://www.fabriciopereira.com/empreendimento/san-gardeno-residence-apartamentos-de-62-a-62-m-com-2-quartos-mirante-campina-grande/16701972-FAJN>
- Iacoino Imobiliária (2023, 5 de dezembro). San Gardeno Residence <https://www.rodrigoiacoinoimoveis.com.br/empreendimento/san-gardeno-residence-apartamentos-mirante-campina-grande-a-venda-a-partir-de-269990/17040316-IACO>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (1959). *Enciclopédia dos municípios brasileiros* (Vol. 15). IBGE.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2023) SIDRA. Sistema IBGE de Recuperação Automática (2023, 20 de novembro). Produto Interno Bruto dos Municípios. <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/5938>

- Maia, D.S. (2010). Cidades médias e pequenas do Nordeste: conferência de abertura. In E.S. Sposito, M.E. Sposito & O. Sobarzo (Orgs.), *Cidades médias: espaços em transição* (pp. 15-41). Expressão Popular.
- Maia, D.S., da Silva, W.R., & Whitacker, A.M. (2017). *Centro e centralidade em cidades médias*. Cultura Acadêmica Editora.
- Marcio Rodrigo: Consultoria Imobiliária (2023, 5 de dezembro). Mansões Mirante: <https://marciorodrigo.com.br/imoveis/mansoes-mirante/>
- Partage Shopping Campina Grande (2023, 10 de novembro). <https://www.partagecampinagrande.com.br/>
- Pereira, W. E. N. (2002). Origem da urbanização de um entreposto comercial nordestino: o caso de campina grande. *Revista TOMO*. <https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/5001>
- Santos, M. (2002). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção* (Vol. 1). Edusp.
- Santos, M. (1979). O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos (Tradução Myrna T). Rego Viana. F. Alves.
- Santos, M. (2005). *A urbanização brasileira* (Vol. 6). Edusp.
- Silva, W.R. (2017). Centralidade, shopping centers e reestruturação das cidades médias. In D. Maia, W.R.E. Silva, A.M. Whitacker, *Centro e centralidade em Cidades Médias* (pp. 199-226). Cultura Acadêmica.
- Silva, W.R. (2023). Shopping centers, centralidade e cidades médias. In: C. Henriquez, W.E. Silva, V.A. Fernandez & G. Salazar (Orgs.), *Urbanización y ciudades medias. Territorios y espacialidades en cuestionamiento* (pp. 173-193). Geolibros.
- Silva, W.R. (2006). *Para além das cidades. Centralidade e estruturação urbana: Londrina e Maringá. Presidente Prudente* (Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista). <https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/5001>
- Sposito, M.E.B., & da Silva, W.R. (Eds.) (2017). *Perspectivas da urbanização: reestruturação urbana e das cidades*. Consequência.
- Sophia, D.M. (2023, 4 de novembro). McDonald's planeja abrir 10 mil lojas em 2027. CNN Brasil. <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/negocios/mcdonalds-planeja-abrir-10-mil-novas-lojas-ate-2027/>
- Sposito, E.S., & Sposito, M.E.B. (2020). Fragmentação socioespacial. *Mercator (Fortaleza)*, 19, e19015. <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/e19015>
- Sposito, E.S., Sposito, M.E.B., & Sobarzo, O. (Orgs.) (2006). *Cidades médias: produção do espaço urbano e regional*. Editora Expressão Popular.
- Sposito, M.E.B., & Catelan, M.J. (2014). Hierarchy and Heterarchy in Brazil's urban network. *Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium*, 5(2), 556-574.
- Sposito, M.E.B. (2007). Cidades médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana. In E.S. Sposito, M.E. Sposito & O. Sobarzo (Orgs.), *Cidades médias: espaços em transição* (pp. 233-253). Expressão Popular.
- Spósito, M.E.B. (2010). Novas redes urbanas: cidades médias e pequenas no processo de globalização. *Geografia*, 35(1), 51-62. <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/4817>
- SUDENE (2023, 15 de novembro). Resolução Condell/Sudene Nº 150, de 13 de dezembro de 2021. <https://bit.ly/4fcagA7>